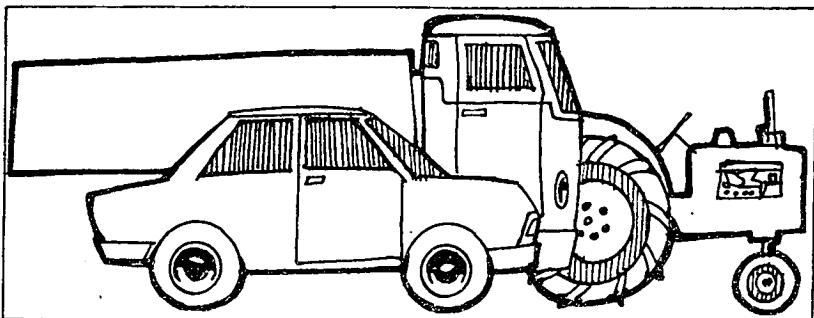


As duas faces da política econômica

ANTONIO CARLOS GODDY

Os freios acionados pelas autoridades econômicas produziram os resultados esperados: a inflação começa a declinar, a balança comercial apresenta os primeiros superávits, os bancos estrangeiros e o Fundo Monetário Internacional estão mais satisfeitos com a gestão da economia brasileira. Infelizmente, porém, há o outro lado da moeda, também fruto da política econômica: a recessão no setor industrial, particularmente em São Paulo, o aumento do desemprego no País e a falta de perspectivas de recuperação a curto prazo.



Indústria automobilística

Produção: o número de unidades fabricadas caiu 16% no trimestre. Diante da queda nas vendas no mercado interno, as montadoras não tiveram outro recurso a não ser o de ajustar a produção à demanda. Fontes da indústria atribuem a diminuição das vendas "à política de controle da inflação e consequente arrocho creditício e monetário".

Exportação: O número de unidades exportadas pelo setor cresceu 18,2% no segundo trimestre, em comparação com o total exportado nos três primeiros meses do ano.

Problemas: A indústria automobilística considera-se "uma das mais penalizadas pela política governamental de combate à inflação. A queda nas vendas internas, obviamente, não pode ser equilibrada pelo aumento das exporta-

Em resumo, para enfrentar o problema do balanço de pagamentos, a que pode causar um colapso, a economia brasileira terá sua taxa de crescimento reduzida para 3 ou 4% este ano, isto é, a metade da expansão verificada em 1980 ou menos. Os empresários da indústria sabem que essa redução era necessária, mas têm a impressão de que as autoridades precisam agir com urgência para evitar ou minimizar os efeitos sociais do desemprego. Apenas na indústria paulista, o número de desempregados chegava a 220 mil em julho. Em abril e maio, segundo dados do Departamento Intersindical de

Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), havia 774 mil pessoas desempregadas na Grande São Paulo e 1,1 milhão vivendo em regime de subemprego.

Além do desemprego, há outros sinais de recessão na indústria. O mais evidente deles é a queda da demanda de energia elétrica. Segundo a Eletrobrás, a diminuição do consumo fará cair a rentabilidade do setor energético de 8% para 6%, porque a demanda deverá ter seu crescimento diminuído de 13% para 6% este ano. Outro sinal da recessão na indústria é a queda de 10% no consumo de aço durante o primeiro semestre

Comércio

Movimento: As vendas no segundo trimestre, na região metropolitana de São Paulo, foram 3,3% menores do que as já fracas vendas do trimestre anterior e 15,49% mais baixas que as do segundo trimestre de 1980, descontado o crescimento dos preços varejistas no período.

Esses resultados negativos levaram o comércio a apresentar, durante o primeiro semestre, retração acumulada das vendas de 18,34%, em comparação com igual período do ano passado. Essa taxa torna bastante remota a possibilidade de se chegar ao final do ano com movimento anual de vendas superior ao de 1980.

A retração, apesar de generalizada (apenas o ramo de calçados conseguiu manter durante o semestre crescimento positivo — de 4,7%), ocorreu com maior intensidade nos segmentos de produtos com valor unitário mais elevado. Os setores que mais sofreram foram as lojas de departamentos (15% de queda acumulada no semestre); lojas de utilidades domésticas (-25%); materiais de construção (-18%); concessionárias de veículos (-29%); e móveis e decoração (-34%).

Fontes do comércio atribuem essa retração à política econômica adotada pelo governo, que objetiva a desaceleração da indústria eletroeletrônica e da indústria automobilística. No entanto, afirmam essas fontes, os resultados dessa política já teriam surpreendido as próprias autoridades econômicas, que têm demonstrado preocupação com a queda do nível de emprego.

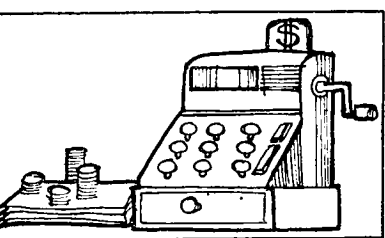
Na Grande São Paulo, o número de empregados no comércio caiu 5,3% nos primeiros seis meses deste ano, em comparação com o primeiro semestre do ano passado. Apenas esse fato basta, segundo analistas do setor, para demonstrar a total falta de expectativas de melhora da situação a curto prazo.

Essa falta de perspectivas se justifica, dizem os comerciantes, pois não há índices de alteração dos principais fatores que determinam as atuais dificuldades: o crédito escasso e caro e a perda de poder aquisitivo da população. Assim, enquanto persistirem as atuais taxas de juros, as vendas dos varejistas continuarão fracas, tendo em vista que os empresários certamente não poderão arcar com os riscos da manutenção de estoques à espera de uma incerta reação de seus negócios.

Os altos juros deverão, também, continuar a inibir os consumidores, principalmente no segmento de produtos de alto valor unitário, em que as vendas a prazo representam considerável parcela das operações.

Além disso, a perda de poder aquisitivo de ponderável parte da população (ao lado da apreensão generalizada em torno da manutenção do emprego) não deverá reverter-se a curto prazo. "Pois suas causas residem na própria política econômica estabelecida e que as autoridades não parecem dispostas a alterar, pelo menos até o final do presente ano".

No ramo de supermercados, as vendas reais foram, em abril-junho, 1,2% menores que as do período janeiro-março. Fontes do setor culpam a política econômica recessiva, o aumento da instabilidade social e os altos juros. Entre os fatores favoráveis, as fontes destacam o primeiro vendimento, a rendimentos elevados, da eadente de poupança e a restituição do imposto de Renda.



Eletroeletrônica

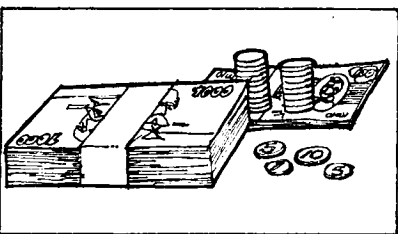
Produção: As medidas de forte contenção monetária e fiscal adotadas pelo governo, com vistas a corrigir os desequilíbrios no balanço de pagamentos e diminuir as pressões inflacionárias, provocaram sensível queda no nível de atividade do setor. Assim, confirmando a tendência observada nos primeiros meses do ano, o ritmo de atividade do setor eletroeletrônico apresentou no segundo trimestre significativo decréscimo, em relação a idêntico período do ano passado.

O atual comportamento recessivo apresentado pela indústria eletroeletrônica pode ser melhor avaliado pelo quadro abaixo.

de 1981, causada principalmente pela menor produção de veículos e eletrodomésticos.

Além da capacidade ociosa e do desemprego, o que mais preocupa os empresários industriais é o nível elevado das taxas de juros. Executivos de uma montadora de veículos acreditam, contudo, que a diminuição do ritmo das atividades econômicas e a queda da inflação deverão provocar sensível baixa dos juros durante o segundo semestre, fator que poderá estimular as vendas de veículos.

Mas, advertem fontes do setor bancário, as taxas de



Bancos

Movimento: Os depósitos a vista cresceram 26% no segundo trimestre, contra a retração de 7,4% no trimestre anterior, o que dá uma expansão de 18,7% no semestre. O limite imposto à expansão dos empréstimos e os estímulos à poupança contribuíram para esse comportamento, que, em parte, reflete variações sazonais.

De qualquer forma, o crescimento nominal dos depósitos a vista foi bem menor que a inflação do semestre (45,2%).

No total, os empréstimos realizados pelos bancos comerciais tiveram expansão de 21,6% no período abril-junho. A variação no semestre foi de 42,3% portanto, um pouco abaixo do índice inflacionário. Liquidez: A análise dos empréstimos de liquidez, a partir de média mensal, revela que no segundo trimestre os bancos comerciais recuaram bem menos a essa fonte, ou seja, tiveram sua liquidez ampliada. A tomada desses recursos apresentou, em média, queda de 55,8% nesse período. Para um índice 100, em março, foram observados os seguintes índices: abril 45,5; maio, 84,5; junho, 44,2.

Taxas de juros — Continuaram em níveis bastante elevados, em torno de 130 a 150% com tendência declinante, em virtude da menor demanda de crédito e da perspectiva de queda da inflação.

Externamente, continuou a anômala situação creditícia, com os Estados Unidos mantendo os juros dos empréstimos em dólar, a moeda do petróleo, em nível inédito (20% ao ano), compelindo o mundo ocidental, inclusive o Brasil, a tomar medidas defensivas, mediante a imposição de taxas iguais ou ainda mais elevadas para o crédito interno. Essa situação gerou graves problemas para as economias da maioria desses países, mas favoreceu os bancos, que puderam melhorar sensivelmente seus resultados.

Defensivos animais

Produção: Manteve-se relativamente estável, mas com tendência de queda, em consequência da situação geral do País. As dificuldades para a compra de matérias-primas e a impossibilidade de repasse dos custos ao consumidor podem acelerar essa tendência no segundo semestre, período em que a produção aumenta. Algumas empresas tiveram quedas de até 30% nas vendas.

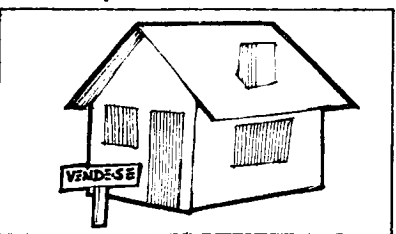
Exportação: As exportações do setor são insignificantes e os esforços para aumentá-las têm sido inúteis, em razão das dificuldades burocráticas e da instabilidade do cruzeiro.

Fatores favoráveis e problemas: A Cacex tem sido menos exigente na liberação das guias de importação de matérias-primas sem similar nacional; o relacionamento entre o setor e o Ministério da Agricultura é muito bom, o que tem ajudado a superar as dificuldades, entre elas a "arbitrariedade" do CIP e da Sunab.

Perspectivas: Espera-se sensível aumento das vendas no atual trimestre.

juros internas não poderão tornar-se mais baixas que as externas, pelo menos enquanto persistir a necessidade de captar recursos externos. Mais uma vez, os problemas da dívida externa e do balanço de pagamentos acabam transformando-se em séria restrição, ao impedirem a queda dos juros, que teria efeitos imediatos sobre as vendas do comércio e o nível da produção industrial.

Até o momento, apesar do uso de expressões como o chamado "relançamento" da economia, as autoridades não deram nenhuma indicação de que pretendem suavizar os



Mercado imobiliário

Produção: Faltam dados quantitativos sobre produção de novas unidades e sobre a oferta global de imóveis novos e usados. No entanto, fontes do setor afirmam que os reflexos da política econômica foram mantidos durante o segundo trimestre, "principalmente no que diz respeito à limitação da produção de unidades para a classe média". Consequentemente, o comportamento das vendas apresentou melhores resultados, dentro da conjuntura, nos produtos ligados aos dois extremos das classes socio-econômicas.

Problemas: Falta de financiamentos adequados; conjuntura econômica afetando investimentos a longo prazo; falta de segurança no emprego nas faixas de nível executivo, que representam considerável fatia do mercado; falta de planejamento para a área habitacional por parte do governo; e a falta de financiamento para imóveis usados.

Perspectivas: Dependem da elevação dos tetos de financiamento por parte do BNH (recentemente o teto para imóveis novos foi elevado para 5000 UPI) e da disponibilidade de recursos para financiar a venda de unidades usadas. Os investimentos no setor continuam limitados pela conjuntura econômica e pela Lei de Zoneamento em São Paulo.

Indústria de alimentação

Produção: Não foram fornecidos dados suficientes para avaliar o desempenho do setor no segundo trimestre. De modo geral, continuou a tendência para a substituição de produtos alimentícios mais caros por outros de preço mais baixo.

Os melhores dados quantitativos são os do complexo soja. O volume de industrialização cresceu 100% no segundo trimestre, em relação ao primeiro, em razão da entrada de nova safra de soja no mercado. As vendas internas também foram superiores às do trimestre anterior, não cresceram tanto quanto a produção (os altos estoques existentes no início do ano permitiram a manutenção do volume de vendas mesmo num período de baixa atividade industrial).

No setor de conservas alimentícias, as vendas permaneceram relativamente estáveis no segundo trimestre, enquanto a produção crescia em certos casos até 40%, em razão do processamento de produtos agrícolas (tomate e frutas). O principal fator favorável para as empresas do setor foi a expectativa de recuperação das vendas, com a normalização dos estoques nos canais de distribuição.

Rações

Produção: Apesar da queda de 19% nas vendas, a produção de rações manteve-se estável no segundo trimestre, em virtude dos preços das matérias-primas. As rações se destinam, basicamente, à avicultura e à suinocultura, setores que sofreram diminuição de vendas superior a 30%, em razão do achatamento do poder aquisitivo dos consumidores. A avicultura conseguiu evitar maiores prejuízos graças aos contratos de exportação de frangos congelados.

Fatores favoráveis: Oferta maior de milho, que garantiu bons preços para os compradores de rações.

Emprego e investimentos: O nível de emprego caiu levemente e os investimentos estão sendo feitos com cautela.

Perspectivas: Já se observa lenta recuperação do mercado.



tração pública direta e indireta; e retração dos investimentos governamentais, gerando alto grau de ociosidade no setor de bens de capital.

Emprego: Os índices de pessoal ocupado referentes a junho de 1981, de acordo com informações de 308 empresas do setor, revelam redução de 7,9%, em relação a dezembro de 1980.

freios impostos à economia ou tomar novas medidas para contornar os problemas do balanço de pagamentos. Para alguns observadores, a ida ao FMI poderia ser uma alternativa interessante nesse sentido, tendo em vista que as condições do organismo internacional são bem mais favoráveis que as dos bancos comerciais.

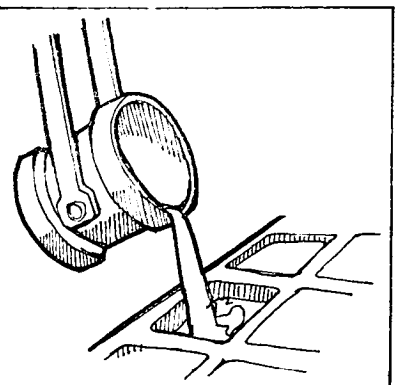
Tudo isso, no entanto, não passa de especulação. Diante dessa falta de perspectivas, a maioria dos empresários consultados não tem elementos para acreditar em mudanças significativas nos próximos meses.

Máquinas e equipamentos

Produção: Os números de produção e vendas (em valor deflacionado) permaneceram estáveis no segundo trimestre, em relação ao anterior. A retração das vendas de produtos manufaturados repercutiu negativamente sobre as novas encomendas de máquinas e equipamentos mecânicos.

Emprego e investimentos: No período abril-junho, o nível de emprego no setor caiu cerca de 1%, em relação ao primeiro trimestre. Entre 31/10/80 e 31/7/81, o nível de emprego caiu 3,13%, com a dispensa de 4.740 pessoas. Os planos de investimento das indústrias de bens de capital permanecem suspensos.

Perspectivas: esperam-se maiores dificuldades para o atual trimestre, uma vez que não há sinais de reversão sensível na atual tendência recessiva da economia.



Fundição

Produção: No segundo trimestre, a produção de fundidos foi de 384.443 t, com uma queda de 4,8% em relação ao período anterior. No entanto, as vendas não tiveram o mesmo desempenho, em razão de modificações na sistemática de compra por parte dos clientes do setor: houve cortes drásticos de programação e diminuição de estoques, o que obriga o fabricante a manter, praticamente sem nenhum compromisso de aquisição, peças estocadas à espera de pedidos que podem ou não acontecer.

Exportação: Dados dos meses de abril e maio indicam uma diminuição da ordem de 16% nas vendas externas.

Problemas: Aumento dos custos financeiros, dificuldades de capital de giro e alta das principais matérias-primas. A queda das encomendas é o fator mais preocupante, pois poderá gerar mais desemprego no setor, no terceiro trimestre.

Emprego: As fundições têm procurado não dispensar mão-de-obra, "para não agravar ainda mais o problema social", mas o nível de emprego caiu 13% no primeiro semestre.

Perspectivas: Não foi possível encontrar expectativas otimistas, uma vez que os principais setores compradores de peças fundidas (automobilístico, de autopeças, máquinas, siderurgia e saneamento básico), que adquirem 80% da produção, estão desacelerados. A exportação não é suficiente para compensar a diminuição das vendas no mercado interno.

Propaganda

Movimento: O nível de atividade no setor, durante o segundo trimestre, foi superior ao do primeiro, como acontece tradicionalmente. A análise dos dados das principais agências mostra que quase todas atingiram seus objetivos (conservadores) para o período abril-junho. No entanto, poucas conseguiram no trimestre aumento de faturamento superior ao índice de inflação.

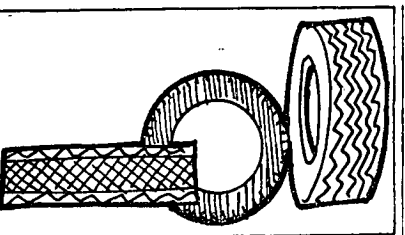
Fatores favoráveis e problemas: Os principais problemas foram causados pela diminuição das atividades da indústria e do comércio. Alguns clientes reduziram as verbas, procurando, assim, diminuir despesas e sem considerar os efeitos desse corte no investimento publicitário sobre a demanda. Outros clientes, especialmente na área de automóveis e eletrodomésticos, incrementaram seus investimentos publicitários com dois objetivos: reduzir a velocidade de queda da demanda e manter participação no mercado.

Emprego: Nas grandes agências, o nível de emprego manteve-se estacionário; nas pequenas e médias houve dispensa de pessoal.

Perspectivas: O terceiro trimestre deverá ser melhor que o segundo, mas as novas verbas não deverão corrigir a perda provocada pela inflação.



Indústria automobilística					
	Produção		Vendas internas		Exportação
	1º trimestre	2º	1º trimestre	2º	1º trimestre
Automóveis	115.324	92.441	86.701	77.213	20.954
Camionetas de uso misto	61.770	51.566	38.774	29.546	18.833
Caminhões	28.847	24.975	21.490	15.992	5.911
Comerciais leves	20.784	20.449	12.115	10.677	5.244
Ombus	4.096	4.159	2.903	2.801	23
Totais	230.821	193.581	161.974	136.209	54.265



Pneumáticos

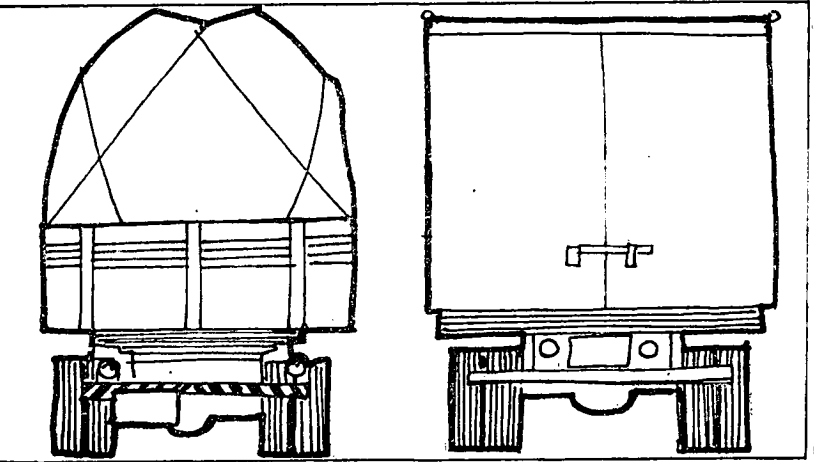
Produção: No segundo trimestre, a produção de pneumáticos caiu 14,76% e as vendas diminuíram 21,01%, em relação ao trimestre anterior.

Exportação: Apesar da queda global da produção, as exportações cresceram 18,13%, em relação aos totais do período janeiro-março. No entanto, as vendas externas apresentam tendência declinante, em comparação com o ano passado.

Fatores favoráveis e problemas: Não houve fatores favoráveis. A linha mais afetada pela retração das vendas foi a de pneus para carros de passeio.

Emprego e investimento: Redução de 3,16% no número de pessoas empregadas pelo setor. Não houve investimentos significativos.

Perspectivas: As vendas deverão permanecer nos níveis do segundo trimestre durante o período julho-setembro.



Transporte rodoviário

Movimento: O segundo trimestre foi extremamente negativo para o setor, que sofreu diretamente as consequências da recessão na indústria e da diminuição do movimento comercial. Em algumas áreas, a queda no movimento de cargas foi da ordem de 50%.

Problema: O principal foi o aumento do óleo diesel, de 110% no primeiro semestre, exigindo aumento do capital de giro das empresas. Para o transportador autônomo, essa alta chegou a provocar mudanças nos hábitos de alimentação e hospedagem.

Emprego e investimentos: Não há dados seguros sobre a evolução do nível de emprego no setor, embora haja informações de que, em algumas áreas, existe desemprego.

Perspectivas: Dependem diretamente das possibilidades de reativação da economia. Em julho, fontes do setor queixavam-se da demora para o escoamento da safra de soja, no Sul e da falta de cargas no Nordeste. Essa situação provocava a retenção de caminhões, já que a maioria prefere carregar quando não existe a perspectiva de obter carga de retorno.